

II WORKSHOP DE BIOENERGIA DO

InfoSucro

UFRJ
ie.
instituto de economia



Maria da Graça Fonseca

O workshop Infosucro é realizado todo ano por integrantes do Grupo de Sistemas Agroindustriais de Inovação e Competitividade do Instituto de Economia (IE) da UFRJ. Nesta segunda edição ocorrida na última sexta-feira, dia 27, a professora Maria da Graça Derengowski Fonseca, coordenadora do Infosucro e Diretora Adjunta de Pesquisa do Instituto de Economia da UFRJ, convidou palestrantes para discutirem temas relacionados à inovações tecnológicas e bioenergia.

O evento contou com a presença de pesquisadores e cientistas da UFRJ, UFF, UNICAMP, Universidade Federal de Alagoas e Universidade de Picardie- Jules Verne, na França. Também participaram representantes do setor privado, entre os quais a Dedini, Amyris e UNICA.



Marcelo Menossi, Luciana Di Ciero e José Maria Silveira

A sessão “Inovações tecnológicas em bioenergia” foi iniciada com a palestra do professor José Maria Silveira, do Instituto de Economia (IE) da Unicamp, que discorreu sobre as grandes mudanças ocorridas nestes últimos anos no setor de agroenergia brasileiro. “Um setor que era regulado pelo Estado e hoje você tem uma competição acirrada, com novos atores em cena”, afirmou.

O economista faz parte do programa FAPESP de Pesquisa em Bioenergia (Bioen), programa de incentivo a atividades de pesquisa e desenvolvimento em áreas relacionadas à produção de Bioenergia no Brasil. Segundo José Maria, a produção de pesquisa em São Paulo é muito favorecida por relações institucionais próximas das demandas da iniciativa privada.

Outro palestrante convidado foi o geneticista Marcelo Menossi, diretor de propriedade intelectual da Agência de Inovação (INOVA) da UNICAMP e pesquisador do Laboratório de Genoma Funcional de Plantas (LGF) do mesmo instituto. Em sua palestra o geneticista ressaltou a importância de estudos de genômica para o melhoramento da cana. Além disso, informou que temos 768 genes de cana analisados numa amostra de 43.143, fruto do Projeto Genoma EST (SUCEST) de cana-de-açúcar fundado pela FAPESP. Segundo ele, o maior desafio das pesquisas é verificar quais desses genes terão maior interesse biotecnológico, entre eles os que podem deixar a cana mais tolerante à seca. Otimista nas suas considerações finais, concluiu que o Brasil faz ciência de alto nível e mesmo perante enormes desafios, a pesquisa e a produção de bioetanol será bem sucedida.

“Amyris é um exemplo de cenário de inovação, de um novo paradigma no setor sucroalcooleiro”, Luciana Di Ciero introduziu sua apresentação mostrando o papel de liderança da empresa na corrida rumo à aplicação da biologia sintética na produção de diesel e bioquerosene. Instalados em Campinas/ SP, a companhia foi fundada em 2004 na Universidade de Berkeley (EUA) e toda a produção será feita no Brasil. A rota renovável da Amyris usa leveduras e biologia genética, reprogramando organismos sintéticos para produzir produtos de interesse industrial por baixo custo. Com uma planta piloto já finalizada, a Amyris Biotechnologies está envolvida em vários projetos no setor bioenergético, entre eles a produção de combustíveis alternativos na aviação e novas rotas para a produção de Diesel.



Marta Castilho, Paulo Soares e Eduardo Sousa

Dando prosseguimento ao segundo momento do workshop, Eduardo Leão Sousa da União da Indústria de cana-de-açúcar (UNICA), falou das perspectivas de expansão da produção da cana-de-açúcar e suas fronteiras tecnológicas. Diretor executivo da UNICA, Eduardo frisou o aumento de oportunidades do mercado doméstico pelo uso crescente do carro flex e ônibus movidos a etanol, além da presença de diversos setores como o bioplástico, agroindústrias e tradings. “Nós nos enquadrámos perfeitamente no etanol de cana-de-açúcar”, disse.

Preocupado com a necessidade de políticas públicas para o desenvolvimento da demanda de biocombustível, comentou a importância da adesão das usinas no Protocolo Agroambiental do Setor Sucroalcooleiro para o incentivo de uma produção mais sustentável, capaz de reduzir em 20% a queima do canavial em três safras. Paulo Augusto Soares da Dedini S/A Indústrias de Base, pensando também em aspectos ambientais, acrescenta que para o mercado não há grande interesse na nomenclatura utilizada e sim na questão de sustentabilidade. A visão principal da Dedini é poluir o menos possível através da integração entre a área agrícola e o processo industrial.

Para a economista Marta Castilho, da Universidade Federal Fluminense (UFF), as motivações que levaram a um aumento e valorização do mercado do etanol são inúmeras: ambientais, econômicas, geopolíticas e pelo fato do etanol ter usos diversos. Este cenário favorável possibilitou bons panoramas de exportação do bioetanol, visto que a partir de 2000 nós tivemos um aumento de produção vertiginosa das exportações, cerca de 40% para os Estados Unidos e 22% para a União Europeia.

Francisco José Peixoto Rosário (PPG/Ufal), Renata Lébre La Rovere (IE/UFRJ), Selena Herrera (COPPE/UFRJ), Valéria Pero (Infosucro, IE/UFRJ) e Jean Louis Girard (Universidade Picardie Jules Verne), fecharam o ciclo de palestras mostrando fatos ligados aos impactos institucionais e regionais nas estratégias dos grupos em açúcar e biocombustíveis: estudo comparativo entre as firmas do Nordeste e Centro-Sul do Brasil, a profissionalização das nossas usinas, o importante papel de iniciativas governamentais para estimular a produção de biodiesel, por fim as reformas institucionais do mercado de açúcar na Europa, em especial as estratégias organizacionais dos grupos franceses.

As apresentações de cada palestrante estão no site.